

EHL CAMPUS - Internacional Architecture Students Workshop

A construção de uma nova identidade

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

2012/1013

Autor: Cíntia Isabel Guerreiro Pires

Docente Orientador: Arq^o Nuno Brandão Costa.

Agradecimentos

Ao Arq^o Nuno Brandão Costa pela disponibilidade, pela motivação, e pelo acompanhamento constante.

Aos meus pais por estarem sempre, pelo apoio incondicional e por possibilitarem a minha formação.

Aos meus avós, a minha inspiração.

À minha prima.

À Sofia, à Marta e à Marta.

Ao Julien.

E a todos os que, ao longo destes seis anos, acompanharam, influenciaram e apoiaram a minha formação.

RESUMO

Em Janeiro de 2013, um professor e um pequeno grupo de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sentaram-se à mesa para partilhar ideias sobre um exercício de arquitectura muito específico – plano de ampliação para o campus da *École Hoteleire de Lausanne*, localizado em Lausanne, na Suíça. Não seria apenas “só mais um”: este seria o projecto último enquanto estudantes universitários. Desde logo, pelo interesse e carácter único do exercício, nos prontificámos a fazer do mesmo base para uma tese de final de curso.

Neste sentido, esta prova intenta procurar e desenvolver as motivações singulares que se reestabelecem a cada projecto de arquitectura. De acordo com uma formação académica - que encontra nesta prova a sua finalização -, pretendeu-se desenvolver um projecto consciente e atento quer ao seu contexto, quer às matérias naturalmente evocadas num exercício de arquitectura, em que se procura a coerência de um todo, dentro da complexidade da relação entre as partes, neste caso particular. Mais, procura-se a construção e o desenvolvimento de uma ideia de arquitectura, com base na pergunta de como pode uma obra de arquitectura, forma e espaço, responder, expressar e potenciar não só os valores físicos e psicológicos do sítio, como também as convicções fortes de uma instituição, assentes num método de ensino distintivo e no estímulo ao espírito comunitário entre os estudantes. Uma instituição que se esforça para oferecer aos seus alunos uma formação e experiência de vida únicas.

O exercício é feito a partir da recolha, selecção e interpretação da informação que nos contextualiza relativamente à circunstância que enquadra o problema: o cliente; necessidades e motivações que lhe deram origem; a arquitectura do país, entre tradição e contemporaneidade; um programa e sua reinterpretação, com base no cruzamento com outros factores, decorrentes de uma análise pessoal; o lugar da sua existência futura. Igualmente, na procura dos valores próprios da arquitectura, é feita uma reflexão acerca das suas matérias e ferramentas específicas. Não se pretende, aqui, descrever o projecto, mas sim reflectir sobre o sentido da arquitectura, dentro do contexto e motivação de um exercício específico. Procura-se uma nova identidade construída, com tudo o que a influência e torna única e irrepetível.

São expostas, em simultâneo com a reflexão sobre temas variados, as inquietações e as opções tomadas no sentido da estabilização e consolidação de uma ideia de projecto para o novo campus. No final, é apresentada a proposta final, entregue para conclusão do seminário, sob forma de estabilização de uma ideia, com a consciência, no entanto, de que constitui apenas um estágio de um processo em permanente evolução, com variados parâmetros a desenvolver e melhorar.

ABSTRACT

In January of 2013, a Professor and a small group of students of the Architecture Faculty of Oporto's University gathered for sharing ideas about a very specific architectural assignment – the extension plan for the campus of the *École Hoteleire de Lausanne*, located in Lausanne, Switzerland. Regarding its particular circumstances, we promptly decided to take it as the main object of our final thesis.

This dissertation is intended to search about and develop the particular motivations that emerge in each architectural project. According to an academic formation - which finds its completion in this dissertation -, the purpose consists in developing a project that is conscious and aware of either the context or the subjects naturally evoked in an architectural work. The intention is the consistency of the whole, concerning the complex relationship between all the composing pieces. Furthermore, I sought to build and develop an idea of architecture, based on the question of how can a work of architecture, form and space, respond, express and enhance not only the physical and psychological values of the site, but also the strong convictions of an institution, based on a distinctive method of teaching and on the stimulation of a deep community spirit within the students.

This task was developed through the collection, selection and interpretation of the varied information that contextualizes the issue: client; needs and motivations from which it arose; the architecture of the country, within tradition and contemporaneity; program and its reinterpretation based on the intersection with other factors, as a result of a personal analysis; the place of its future existence. Also, in the search of the specific values of architecture, a study is taken about their subjects and specific tools. It isn't intended to describe a project, but rather to reflect on the meanings of architecture within a particular context and motivation. The process is based on the search of a new built identity, regarding all the aspects that have an influence on it, which make it unique and unrepeatable.

Simultaneously to the reflection on diverse subjects, I constantly expose the many concerns and decisions taken towards the stabilization and consolidation of the idea for the project of the new campus.

To conclude, the final project proposal drawings are presented, which were the ones delivered for the conclusion of the seminar. Despite the final assignment, the graphic material meant no more than a particular stage – stabilization and development of an idea - of a process in constant evolution.

	INTRODUÇÃO
13	Contexto e motivação
13	Objecto
14	Objectivo
15	Estrutura e metodologia
19	1 ÉCOLE HÔTELIÈRE DE LAUSANNE_ o Workshop
21	1.1 Cliente: a instituição
21	Uma história
27	Um identidade, uma vontade
31	1.2 Novo Programa
31	Um programa
35	Uma interpretação_”reprogramar”
43	2 ARQUITECTURA NA (E DA) SUÍÇA
47	Do <i>chalet</i> suíço, ao <i>Heimatstil</i> e modernismo do Pós-Guerra
53	Arquitectura contemporânea
61	3 FASE I: do entendimento do lugar, à construção da ideia
63	3.1 O Lugar
65	A arquitectura e o lugar
79	Um lugar específico
89	Topografia, clima e orientação
103	3.2 Implantação
104	Concentração vs Dispersão
119	3.3 Questões da forma
121	Projectar e a forma
125	Linguagem formal
127	Relações e dimensões
133	As partes e o todo
137	Regra, repetição e excepção
139	Compactação e fragmentação

145	3.4 Construção e consolidação da ideia
147	Como surge
155	Como se expressa
157	Que grau de disciplina implica na processo de projecto
159	A história de uma ideia
167	4 FASE II: da caracterização espacial à linguagem e materialidade
169	4.1 Organização e Caracterização Espacial
175	Da unidade à multiplicidade
181	O desenho dos espaços fundamentais
183	Os espaços da residência
195	4.2 Linguagem e materialidade
197	O invólucro e a expressão da arquitectura
209	O sentido da matéria
213	A escolha dos materiais
217	O PROJECTO FINAL
227	CONSIDERAÇÕES FINAIS
233	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
236	CRÉDITOS DE IMAGENS
239	ANEXOS

“As architects we are constantly placed in situations of complexity and contradiction. We are required to reconcile problems often beyond our scope. We find ourselves simultaneously offering visions and comprehending the implications of programmatic and technical conditions. Our enemies are scale and time. Many of the problems that we are asked to consider are on a scale beyond our immediate understanding. The time that we are offered in which to consider our task is too compressed.”¹

David Chipperfield

¹ David Chipperfield, *Theoretical practice*, London, Artemis, 1994, p. 31.

Contexto e motivação

O tema para este trabalho surge na sequência do convite de participação num seminário internacional para a elaboração de um plano de desenvolvimento e ampliação para a *École Hoteleire de Lausanne* (EHL).

É neste contexto que, diversas escolas de arquitectura, entre as quais se insere a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, e um determinado número de professores e alunos se envolveram no processo para a elaboração de ideias para o projecto de ampliação e renovação do campus EHL. Apesar do desenvolvimento de diferentes propostas, por alunos, grupos ou escolas, profissionais e alunos de vários pontos do mundo partilham uma mesma experiência e trabalham sobre um mesmo exercício. Revela-se, para a maioria dos estudantes, o primeiro exercício projectual com base em necessidades, regras e circunstâncias reais.

Consiste, sem dúvida, no final do percurso académico de um aluno, num processo repleto de estímulos e, por isso, um mote forte para a elaboração de uma tese de final de curso. Proporcionou, para mim e mais seis colegas, a oportunidade de aproximação a um caso real, com determinantes e imposições muito específicas. As expectativas criadas, a dimensão do programa e o intervalo de tempo para a elaboração de uma proposta de arquitectura exigiram um processo de trabalho baseado numa metodologia projectual disciplinada e numa investigação estratégica orientada.

Motivou-me a possibilidade de articular, neste exercício, métodos, conhecimento e convicções, que se conjugam como resultado de seis anos de formação e de um percurso individual próprio, com a elaboração de um exercício com contornos únicos e reais, e portanto, como qualquer projecto, um recomeço.

Objecto

O objecto é, como nos foi proposto, o plano de ampliação e desenvolvimento para a *École Hôtelière de Lausanne*. Este constitui, sem dúvida, um desafio importante para o meu (e nosso) percurso académico, sobretudo numa altura em que nos propomos finalizar um ciclo e fazer a transição para o mundo profissional.

O actual e futuro campus localiza-se na periferia norte de Lausanne, no município Chalet-à-Gobet, na Suíça. As estruturas actuais recebem à volta de 2000 estudantes, e possibilitam alojamento a cerca de 150 alunos, entre mestrado e licenciatura. A estratégia de modernização, reconstrução e ampliação destas instalações visa, por um lado, a melhoria das condições

presentes e, por outro lado, o aumento do número de dormitórios individuais para 970 mil e da sua população estudantil em igual proporção. Tal pressupõe um aumento de 32.247 m² para aproximadamente 60.000m², acrescendo a possível demolição de aproximadamente 12.200m² da área inicial. O novo campus incluirá, igualmente, um hotel e novas dependências desportivas. Pretendem, com este projecto, mais que uma simples ampliação: o reafirmar do carácter e dos princípios próprios que a instituição tem vindo a consolidar desde a sua criação, assim como potenciar a experiência de um período de vida - o de estudante universitário -, com uma arquitectura criadora de espaços e, portanto, de momentos únicos e memoráveis.

Objectivo

O objectivo deste trabalho é dar resposta às inquietações projectuais que resultam da tentativa de assumir e fundamentar opções ao longo do processo de projecto, de modo a consolidar uma proposta de intervenção.

Tendo em consideração a extensão e variedade do programa, maioritariamente residencial, assim como as exigências em termo de relações, áreas e regulamentos, verificou-se crucial criar ferramentas que estabilizem uma ideia de arquitectura, auxiliando no desenho controlado e fundamentado da forma, da forma inserida num lugar, com um contexto específico. Ideia, forma e espaço, dependem e decorrem de um entendimento das condicionantes geográficas do sítio, da relação com a sua envolvente, do carácter do lugar e do programa, de um contexto construtivo específico do país, assim como da vontade da própria instituição - que procura neste projeto novos valores para uma imagem renovada - e, ainda, das convicções próprias de quem os pensa e concebe. A arquitectura é entendida, aqui, com valor determinante na procura de uma nova identidade; uma identidade do construído que expresse a instituição do homem, com uma história, um carácter e um potencial próprios, que constitua, ao mesmo tempo, um novo marco na história da sua evolução, com a introdução de valores que lhe são próprios e exclusivos.

“Árdua é a investigação do arquitecto que, com todos os dados em cima da mesa, pensa e mede, mede e pensa, até chegar aos “encontros certos”. E é por isso que as ideias em Arquitectura têm dimensões e medidas.”¹

A. Campo Baeza

Qualquer invenção, de qualquer natureza, está relacionada com um contexto, uma circunstância, e um propósito, resultado de uma necessidade. A ideia comporta uma estratégia tomada pelo criador, na conjugação de diversas variáveis, reflectida no objecto.

11 Alberto Campo Baeza, “A Ideia Construída”, Casal de Cambra, Caleidoscópico, 2008 (2ª ed.).

Assim, o objectivo desta prova terá como base a reflexão sobre vários temas que, embora implícitos a qualquer prática projectual por constituírem matéria própria da arquitectura, sejam desenvolvidos segundo as circunstâncias próprias deste projecto e explorados no sentido de potenciar o carácter singular de uma proposta de arquitectura. Exploração de um conjunto de atributos que distinguem este de qualquer outro conjunto arquitectónico, com relação a um enquadramento que lhe é particular:

“Rationalism is necessary, like order, but whatever the order, it can be upset by the external factors of another order – whether historical, geological, psychological.”² Aldo Rossi

Neste sentido, intenta-se compreender os dados em jogo e procurar o sentido da arquitectura no contexto da determinação de um cliente com fortes aspirações e expectativas.

Estrutura e metodologia

Nesta prova não se pretendeu uma separação vinculada entre o processo de projecto e a produção teórica em desenvolvimento; não se pode falar de um período de investigação prévio e de um prático posterior e resultante, e vice-versa. Resultam, pelo contrário, de um estímulo mútuo. Conjugam-se, ambos, na reflexão sobre os diversos temas evocados. No mesmo sentido, não se pode assumir, a limitação desses temas segundo diferentes fases, e em sequência. Todavia apresentados e organizados aqui segundo uma estrutura sequencial, tendo em conta um maior enfoque em determinadas fases de trabalho, são temas presentes e transversais a todo o processo de projecto, considerando opções em constante revisão e reformulação, na totalidade dos aspectos que compõem uma proposta de arquitectura.

Esta prova desenvolve-se fundamentalmente em quatro partes distintas.

Numa primeira parte é dado a conhecer o cliente, assim como o contexto do seminário em que se insere este projecto, a par da análise e interpretação pessoal dos dados programáticos fornecidos.

Posteriormente, num segundo capítulo, procurou-se analisar o contexto construtivo do país, desde as construções mais tradicionais (tendo em conta o contexto rural do terreno e as suas pré-existências- *La Ferme*), às práticas arquitectónicas contemporâneas. Serve esta segunda parte para o entendimento do impacto e da importância da produção arquitectónica num país como a Suíça, constituindo uma referência mundial para os profissionais desta área. Também de que, embora constitua um país pequeno, no contexto europeu, e se reconheçam certos princípios comuns, é caracterizado por uma

² Aldo Rossi, *A Scientific Autobiography*, Cambridge, Mass: The MIT Press, 1992, p. 16.

diversidade arquitectónica assinalável, fruto de influências culturais diversas que filtrou e apurou, com grande mestria.

Depois de uma contextualização mais geral – criação de uma necessidade e contexto nacional arquitectónico – inicia-se um terceiro capítulo que corresponde à fase de construção de uma ideia de arquitectura e de elaboração de um plano geral de intervenção. Este capítulo engloba, assim, a análise das características físicas e psicológicas do lugar - um lugar específico -, questões relativas à sua ocupação (implantação) e, conseqüentemente, também, à criação de novas formas. O entendimento do lugar é progressivo, e dá-se em paralelo com o esboço dos primeiros gestos de intervenção, e por isso surgem agrupados numa mesma etapa de trabalho.

Um terceiro capítulo refere-se à abordagem dos temas próprios ao desenvolvimento e concretização da ideia. Pretende-se discorrer, no contexto deste projecto em particular, acerca da importância da unidade espacial base na composição geral do conjunto – como gerador espacial e formal -, das interacções espaciais mais fundamentais, da caracterização desses espaços e, igualmente, do desenho dos seus limites (elementos de contacto interior e exterior - invólucro).

Como já referido, pode-se falar apenas do aprofundamento de determinados temas, tendo em conta que todos, no âmbito do pensamento arquitectónico, se apresentam, de algum modo, interligados e interdependentes. Não podemos falar de forma sem ter implícita determinada ideia de organização espacial, ou até de expressão arquitectónica; e sobre esta sem associar-lhe uma intenção material, por exemplo.

Os desenhos do projecto, na sua versão final e rigorosa, são apresentados no final, como forma de assentar posições tomadas sobre os temas em reflexão, ou seja, as opções gradualmente apresentadas ao longo do trabalho. Em seguida, apresentam-se as considerações finais que pretendem constituir uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Segundo cada questão levantada e intenções projectuais precisas, recorreu-se à leitura de obras e textos relacionados, com ênfase em produções teóricas de arquitectos fortemente ligados à prática do projecto e, portanto, com preferência para as inquietações por ele levantadas. Pontualmente recorreu-se, também, a exemplos práticos que abordam os determinados pontos sob reflexão teórica.



ÉCOLE HÔTELIÈRE DE LAUSANNE: O WORKSHOP



1. Jacques Tschumi

Antes de abordar as questões referentes às diferentes fases de criação e desenvolvimento de uma ideia de arquitectura, será necessário introduzir o cliente que esta pretende servir. Este cliente, a *École Hôtelière de Lausanne*, teve a sua origem na resposta a uma necessidade. A sua “substância” é fruto da cultura em que emergiu, do tempo da sua criação e evolução e, particularmente, da sua história. Uma história que é marcada tanto por factos exteriores como pela sua determinação, crenças e carácter próprios, tendo em conta o conjunto de indivíduos e entidades que a compõem.

“A instituição deriva da inspiração para viver. (...) As três grandes inspirações são a inspiração para aprender, a inspiração para reunir, e a inspiração para o bem-estar. Todas elas servem, realmente, a vontade de ser, de expressar. Isto é, pode-se dizer, a razão para viver.”¹

Uma história

A *École Hôtelière de Lausanne*, fundada em 1893, foi a primeira escola hoteleira do mundo.² O seu fundador foi Jacques Tschumi (1), um membro da Associação Hoteleira Suíça. Com origem na *Belle Époque*, desenvolve-se a par do crescimento considerável, e sem precedentes, da actividade turística na Suíça, responsabilizando-se pela formação dos profissionais especializados que, de modo urgente, o surgimento de novos serviços exigia.

O impulso do turismo, neste país, surge essencialmente nos inícios do séc. XIX, pela acção de alpinistas Ingleses que se deslocavam ao país para subir os Alpes Berneses, local que, desde logo, se consolidou como destino turístico de eleição. Mais tarde, já nos inícios do século XX, uma nova vaga de turistas começou a deslocar-se para Davos e Graubünden, vistos estes como destinos privilegiados para a convalescença de doentes tuberculosos.³ Desde então, um número cada vez maior de clientes internacionais, a maioria com elevado poder de compra e hábitos requintados, passou a alojar-se em hotéis e palácios suíços, localizados preferencialmente ao longo das margens dos principais lagos ou em *resorts* refugiados nas montanhas. O país transformou-se num local de forte atractividade, oferecendo condições favoráveis para a prática de desportos tanto de verão como de inverno, instalações turísticas

1. “Institution stems from the inspiration to live. This inspiration remains meekly expressed in our institutions today. The three great inspirations are the inspiration to learn, the inspiration to meet, and the inspiration for well-being. They all serve, really, the *will to be, to express*. This is, you might say, the reason for living. All the institutions of man, whether they serve man’s interest in medicine, or chemistry, or mechanics, or architecture, are all ultimately answerable to this desire in man to find out what forces caused him to be, and what means made it possible him to be.” (Tradução livre), Louis I. Kahn, in *Between silence and light : spirit in architecture of Louis I. Khan*, p.44

2. “On 15 October, 27 students start their classes in the premises of the Hôtel d’Angleterre, on the lakefront in Lausanne. They study arithmetic, accountancy, geography, product knowledge, languages and service (...) and they apply their skills immediately in response to demanding guests in a prestigious hotel.”, in www.ehl.edu.

3. “Switzerland is one of the most mountainous countries of Europe, with more than 70 percent of its area covered by the Alps, in the central and southern sections, and the Jura, in the northwest. The Swiss Alps are part of the largest mountain system in Europe, and are famous for their jagged peaks and steep gorges.” <http://www.swissuniversity.ch/tourism>



2. 1907, a EHL na Avenue de Cour, Lausanne.

modernas e, também, uma enorme variedade cultural entre as várias cidades que o compõem.⁴ À medida que a procura aumentou, os clientes exigiram serviços cada vez mais personalizados, assentes em elevados padrões de hospitalidade. Embora se provasse, relativamente ao contexto de então, a necessidade da existência de uma escola dedicada à actividade hoteleira, a sua criação terá sido vista como revolucionária.

A região do Lago Léman, incluindo a área metropolitana de Lausanne, tem experienciado, desde os inícios do séc. XX, um crescimento económico e demográfico significativo, constituindo destino para cada vez mais estrangeiros. Deste modo, a recém-formada EHL não só beneficiou da atracção turística da região, como contribuiu fortemente para a melhoria e elevação dos padrões de hospitalidade, formando as condições perfeitas para clientes cada vez mais exigentes.

A escola terá iniciado a sua actividade no Hôtel d'Angleterre, nas margens do lago Léman em Lausanne, composta inicialmente por 27 alunos. Uns anos mais tarde, em 1903, deslocou-se para as proximidades da Avenue de Cour (2), contando, na altura, com 30 alunos, entre os quais um quinto era de origem estrangeira. Desde logo, destacou-se pela extrema disciplina e rigor dos cursos leccionados.

A escola actualizou e cresceu, mas não resistiu à 2ª Guerra Mundial durante a qual foi forçada a fechar (1941). Reabriu após dois anos com apenas 16 alunos e rapidamente, com o cessar da guerra, iniciou-se um período de grande actividade e crescimento. Em 1951 a instituição atingia já os 500 alunos, contando com 30 nacionalidades diferentes.⁵

Durante esta década e os anos 70, procedeu-se a um conjunto de reformas que passaram pela inserção de estágios, a intervenção e participação de empresas empregadoras, e a combinação da teoria com a prática a partir da reorganização dos anos lectivos por semestres e do contacto com o mundo empresarial. Com o acréscimo de mais 100 alunos, no início dos anos 70, estava consolidado, assim, um método de ensino que veio a constituir a base do seu prestígio e reconhecimento a um nível internacional.

Em 1974 a EHL passou a ser uma fundação não lucrativa, associada à Associação Suíça de Hotelaria, canalizando os lucros para a excelência do ensino e melhoria das infra-estruturas. Um ano depois, como consequência do seu crescimento, mudou novamente de instalações ao deslocar-se para uma zona periférica norte de Lausanne, entre a área suburbana e o campo, mais especificamente para um local denominado Chalet-à-Gobet, onde permanece

4. Idem.

5. Procede-se também, no mesmo ano, a um reforço dos elementos académicos e introduz-se um ano preparatório para aqueles que necessitam melhorar as suas capacidades académicas. A Escola passa também a produzir os próprios manuais, que passam a constituir uma referência bibliográfica para outras escolas de hotelaria, inclusive no estrangeiro. <http://www.ehl.edu/eng/About-us/Profile/History-and-heritage>.



3. 1980: equipa vencedora de um prémio internacional de cozinha.

até hoje. O novo edifício resulta de um trabalho conjunto entre comissão académica e indústria, no sentido da criação das melhores condições de ensino na área da gestão e hospitalidade. A sua posição em relativamente elevada confere-lhe vistas marcantes sobre os Alpes e o Lago Léman.

Em 1996, face à sua internacionalização, torna-se numa escola bilingue, leccionando não só em francês, como acontecia inicialmente, mas também em Inglês. Dois anos mais tarde, é a primeira a adquirir o estatuto universitário através da integração na profissional *Haute Ecole Spécialisée de Suisse Occidentale* (HES-SO), mantendo, no entanto, a sua filosofia educacional própria. Nesse ano o número de alunos ascende aos 1000, provenientes de 50 países diferentes.

Nas duas últimas décadas a EHL tem vindo a reafirmar a sua posição no panorama internacional sobretudo através do reconhecimento e de prémios atribuídos por instituições de renome mundial. Ao longo da sua existência e como consequente resposta à evolução da instituição e necessidades académico-profissionais, a escola foi criando variados departamentos e institutos no sentido de responder às necessidades académicas dos alunos, melhorar as suas competências e o contacto com o mundo empresarial, criar investimento através de projectos iniciados na escola, e de apostar na investigação na área da hospitalidade, etc.⁶

A crescente procura por parte de estudantes e as exigências ao nível do ensino e das dinâmicas sociais actuais, deram origem a que, em 2007, se iniciasse um processo de ampliação das instalações antigas. O projecto ter-se-á realizado no sentido do aumento e da melhoria das condições infra-estruturais do Campus. Teve como base a aplicação de novas tecnologias e sistemas de controlo como resposta conceito de “Green Campus”, que a escola já vinha a desenvolver há alguns anos. O processo finalizou-se em 2012 e teve como resultado o edificado hoje existente.⁷ Actualmente o Campus EHL é composto não só pela academia, como por edifícios dedicados ao alojamento de estudantes de licenciatura e mestrado, pavilhão e campos exteriores para desportos diversos, antigos armazéns e construções em madeira, e um chalé – *La Ferme*. Esta construção, mais antiga, representa a tradição construtiva das zonas rurais e de montanha, e é utilizada, hoje, como espaço para eventos pontuais.

Durante os 119 anos de existência, o crescimento da instituição manifestou-se no aprimoramento das disciplinas leccionadas, o que rapidamente significou uma projecção e um reconhecimento internacional sem igual: tanto na oferta

6. A AEHL (Associação de Estudantes EHL), em 1926; a LHC (Lausanne Hospitality Consulting), em 1976; e a LHR (Lausanne Institute for Hospitality Research), em 2000; a INTEHL (Ecole Hôtelière de Lausanne Institute of Technology and Entrepreneurship), em 2002; e em 2003 o EHL's International Advisory Board. <http://www.ehl.edu/eng/About-us/Profile/History-and-heritage/Milestones2>

7. Idem



4. Imagens de antigos alunos durante as aulas leccionadas, incluindo prática e teoria.

de pessoal especializado que tem vindo a ocupar os mais importantes cargos nas mais prestigiadas cadeias de hotéis do mundo, como na procura crescente por parte de estudantes nacionais e internacionais. Estes estudantes, a troco de propinas avultadas, recebem uma experiência académica única e um prestígio determinante para o início das suas carreiras profissionais.

A *Ecole Hôtelière de Lausanne*, apostando permanentemente no seu crescimento e exclusividade, tem assumido um espírito de contínua actualização e modernização. O desejo de abertura da escola a um cada vez maior número de estudantes e da construção de uma identidade própria e distintiva levou a que, em 2012, a instituição se lançasse para mais um grande desafio: a ampliação das suas instalações para o dobro da área existente, com maior ênfase no aumento do número de dormitórios, no redesenho das áreas desportivas e na criação de um hotel, até então inexistente.

Um identidade, uma vontade

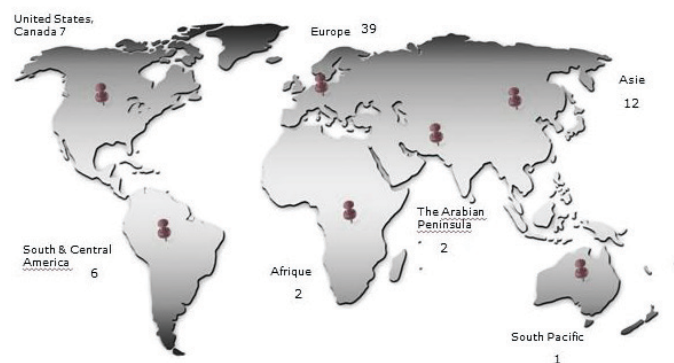
*“Edifícios que personificam lugares de culto,
ou de habitação, ou de outras instituições do homem
devem ser fiéis ao seu carácter.”⁸*

Actualmente, a *Ecole Hôtelière de Lausanne* orgulha-se de ser a escola hoteleira mais antiga do mundo e uma referência importante no que diz respeito ao ensino da hospitalidade, liderando esta matéria a nível Mundial há 120 anos. Destaca, sobretudo, uma filosofia educacional única baseada na gestão da hospitalidade e no equilíbrio entre a arte e a ciência. Este espírito, juntamente com a tradição de um ensino de excelência e a aposta na constante modernização e actualização dos métodos, formam o seu carácter independente e distintivo.

Em determinada altura, um antigo director terá citado Pestalozzi (pedagogo suíço e reformador educacional nos finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX), definindo a EHL como uma instituição onde os estudantes aprendem “com as suas cabeças, as suas mãos e os seus corações”.⁹ Esta estratégia educacional enraizou-se fortemente nos seus métodos de ensino e, desde cedo, a escola passou a privilegiar uma aprendizagem activa – experimentação das várias actividades - sobre o método passivo – aulas de auditório, leitura, estudo. Acredita que, para além do estudo e da investigação, a prática deve complementar o ensino, promovendo um melhor entendimento da profissão através do chamado *know-how* ou *savoir-faire* (saber fazer)⁽⁴⁾. O contacto com a prática estabelece-se não somente no âmbito actividades académicas, como também na relação da escola com as empresas, onde os alunos adquirem

8. Louis I. Kahn, in *Louis I. Kahn: Conversa com estudantes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, p. 31.

9. “EHL is an institution where students learn “with their heads, their hands and their hearts””, citado em <http://www.ehl.edu/eng/About-us/Profile/History-and-heritage/Milestones2>.



5. Mapa-mundo assinalando a origem dos estudantes EHL, em grande parte internacionais. Gráficos representativos das percentagens de estudantes de cada género, e de diferentes nacionalidades.

experiência profissional através de estágios.

Outro factor de que se orgulha é a sua internalização. A Instituição acolhe, hoje, entre os seus aproximadamente 1800 estudantes, noventa nacionalidades diferentes - 60% do total dos alunos não são de origem suíça - e trinta, entre funcionários e professores, promovendo a diversidade cultural como espírito intrínseco da escola. Representa, desta forma, um local onde pessoas com diferentes raízes, hábitos e formações, trabalham em conjunto, trocando opiniões, modos de pensar e de operar. Um dado a referir será, igualmente, a relação de 47% de homens para 53% de mulheres, o que garante uma relativa paridade entre géneros dentro da comunidade estudantil.(5)

Porque pretende manter a sua diferenciação e estatuto internacional, a escola aceita que tem que saber gerir, acompanhar e prever as constantes alterações sociais e económicas, assim como as suas implicações, a partir do interior da própria instituição. Em solidariedade com as causas sociais emergentes, a EHL adoptou, desde a década passada, uma política de ecologia para os seus edifícios e para as práticas dos seus estudantes. Integrado no plano de estudos dos alunos, o tema da sustentabilidade tornou-se presente em todos os aspectos das suas actividades.¹⁰ Ao projecto deram o nome de *Green Campus* (Campus Verde).

É notável, sobretudo através dos membros da instituição com quem contactámos, o seu desejo de projectar o campus no futuro e a ambição de marcar uma posição internacional sem igual. Esta projecção deve passar não só pela distinção na qualidade da formação, como também na criação de uma experiência escolar única. A EHL, para além dos seus serviços académicos de excelência, pretende proporcionar aos seus alunos um período de tempo inesquecível, através das condições oferecidas pelo campus, da sua arquitectura, e do espírito comunitário que o caracteriza. É considerado um período de criação de experiências e laços fortes, sobretudo para aqueles que, provenientes de outras cidades ou países, vêm no campus sua morada provisória. Devido ao relativo isolamento do campus, os estudantes constituem uma comunidade muito unida; marca que a EHL se interessa em preservar.

“A arquitectura foi uma das vias que a humanidade seguiu para sobreviver; foi uma forma de expressar a procura fundamental pela felicidade.”¹¹ Aldo Rossi

Ao repensar a sua estratégia, com base no crescimento e no desempenho

10. Na produção de produtos biológicos, tratamento adequando do lixo, tecnologia, gestão do consumo energético, factores arquitectónicos que diminuem esse consumo, etc.

11. “Architecture was one of the ways that humanity had sought to survive; it was a way of expressing the fundamental search for happiness.” (Tradução livre) Aldo Rossi, *A scientific autobiography*, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1992, p.2.

desejado para próximos anos, a EHL viu na renovação do seu campus e da sua arquitectura uma oportunidade; uma oportunidade para conferir ao campus uma nova imagem, marcante e distintiva, uma nova identidade. Prevê-se a criação de estruturas que respondam à necessidade de crescimento da escola e que ofereçam as condições necessárias para as suas actividades. Uma arquitectura capaz de apelar à vida comunitária e de tornar a experiência de viver os seus espaços algo jamais repetível. Uma arquitectura onde seja bom viver e aprender.

Atendendo à complexidade do projecto e em associação com o gabinete Dahl Rocha & Associés architectes SA, a EHL fez deste um mote para a organização de um *workshop* internacional, com vista ao desenvolvimento e discussão de ideias para o projecto por parte de estudantes de várias escolas de arquitectura do mundo:

*"O valor único desta iniciativa encontra-se na sua ambição em juntar o mundo académico e o profissional para trabalhar num projecto específico e concreto. Esta experiência será partilhada por estudantes de diferentes culturas, permitindo-lhes descobrir diferentes maneiras abordar o processo criativo. Oito escolas (...) foram seleccionadas para incorporar o projecto de desenvolvimento do campus no contexto dos seus programas académicos."*¹²

Um programa

"Como profissional, você tem a obrigação de traduzir o programa do cliente em espaços para a instituição a que serve o edifício."

"Mas "programa" é uma palavra insuficiente.

Tudo isso é, sim, a compreensão do carácter de um reino

*composto por espaços onde é bom fazer uma certa coisa."*¹³ Louis I. Kahn

O actual Campus EHL conta, na actualidade, com uma área total de 32.955m², que é repartida por um programa relativamente variado. É composto por: cinco edifícios dedicados ao alojamento de estudantes (residência) - um total de 400 alunos distribuídos por 320 estúdios -; instalações desportivas, entre pavilhão interior, ginásio e campos de futebol, basquete e ténis exteriores; um conjunto de edifícios agregados que albergam as áreas administrativas e académicas, entre salas de aula, auditórios, uma biblioteca, salas de ensino especializado, e uma área de dimensões consideráveis dedicada à restauração (com as instalações próprias), que serve tanto para actividades de ensino

12. "This initiative's unique value lies in its ambition of bringing the academic and professional worlds together to work on a specific, concrete project. This experience will be shared by students of different cultures, enabling them to discover different ways of tackling the creative process. Eight schools from the academic network of the University of Navarra's Architecture School have been selected to incorporate the campus development project within their academic programs." (Tradução livre), *Workshop Program Document*, p. 3.

13. Louis I. Kahn, in *Louis I. Kahn: Conversa com estudantes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, p. 34.

PROGRAM SUMMARY**BLUE ZONE**

EXISTING SITUATION **27,690 m2**
 existing building = 22,312 m2
 extension in progress = 5,378 m2

STUDIOS (820 studios x 29 m2/studio) (see detail 1) **≈23,600 m2**

HOTEL (100 rooms x 40 m2/room) **4,000 m2**

SPORT FACILITIES **2,810 m2**
 triple court gym (49 x 28 m.) + locker rooms (see detail 2) = 1,666 m2
 fitness zone = 850 m2 (see detail 3)
 outdoor courts + locker rooms(≈300m2) (see detail 4)

START-UP (30 offices x 30 m2/office) **900 m2**

NEW PARKING 500 PLACES≈10,000 m2 (existing capacity 500 places)

TOTAL SURFACE BLUE ZONE ≈ 59,000 m2

YELLOW ZONE

STUDIOS (150 studios x 29 m2/studio) **≈4500 m2**

TOTAL SURFACE YELLOW ZONE ≈ 4,500 m2

6. Distribuição do programa entre o existente e as áreas a acrescentar, segundo 2 zonas distintas (documento cedido pela organização).

como para o serviço de clientes. Inclui também um edifício mais antigo, anteriormente referido que é, portanto, protegido, mas que não têm uma função estritamente estabelecida.

Como premissas para o projecto de ampliação e desenvolvimento determinou-se a possibilidade de manter ou demolir os edifícios dedicados ao alojamento de estudantes e instalações desportivas - 12.200m². Os edifícios mais recentes correspondentes às áreas administrativas e academia, assim como o “icónico” chalé (*La Ferme*) manter-se-ão. Em curso está já, com início das obras previsto para no ano corrente, um processo de remodelação e ampliação das instalações académicas e administrativas. Projecto ao qual não tivemos acesso mas que, segundo o que nos foi transmitido, passará pelo aumento de um piso em determinadas partes do conjunto edificado correspondente, seguindo o desenho actual (construído em 2012).

Considerando os pressupostos anteriormente referidos, o projecto em estudo para o renovado Campus EHL deverá considerar, de uma forma geral, os seguintes pontos programáticos:

- um novo acesso principal, adicional ao actual existente a noroeste, a partir da Route du Bern, a sudeste;
- área residencial para estudantes, num total de 28.130 m², considerando um acréscimo de 650 quartos (20m² cada) relativamente aos 320 existentes e, portanto, 970 no caso da demolição dos edifícios dedicados actualmente, assim como áreas comuns distribuídas, incluindo salas comuns, cozinhas, WCs, lavandarias, etc.;
- instalações dedicadas ao desporto, tanto exteriores (campos multiusos, ténis e futebol) como interiores com um campo desportivo triplo, área de *fitness*, spa, etc.;
- um hotel (*Training Hotel*), que deverá responder às necessidades dos clientes e também aos exercícios académicos, englobando vários níveis de serviços (3, 4 e 5 estrelas), distribuídos por 70-100 quartos (com aproximadamente 30m² cada),
- espaços dedicados a *Start-ups* e à ampliação da academia são dados como opcionais, à consideração de cada um, conforme os diferentes entendimentos e projectos;

É requerida especial atenção relativamente ao desenho dos espaços comuns, que devem garantir as condições essenciais para trabalhar (em grupo ou individualmente) e/ou para socializar e relaxar. O tempo livre dos estudantes e as condições que lhes são concedidas são de crucial importância para o equilíbrio e desempenho académico, assim como parte de uma experiência

que se pretende inesquecível. Aqueles espaços serão, assim, uma base importante para as relações sociais entre os alunos e portanto, meio para o fortalecimento do espírito incorporado pela instituição: um ambiente fortemente comunitário e feliz.

Pede-se ainda, considerando o seu valor icónico e simbólico, um cuidado particular no tratamento do edifício *La Ferme*, tanto no que concerne a eventuais funções atribuídas - o seu programa -, como quanto à disposição do edificado na sua envolvente e das novas áreas comuns, em relação. Este edifício constitui um “ponto referencial” e simbólico para a organização das formas e dos espaços no terreno.

Devido às condições climáticas específicas que caracterizam aquela região, é pedido que se considere, igualmente, a ligação interior entre os vários edifícios, mas, sobretudo, aquela entre as áreas residenciais e as áreas de estudo - a academia -, uma vez que representa os trajectos diários mais frequentes. As imposições relativas ao vestuário e calçado (saltos altos, sapatos, terno, etc..) a utilizar pelos alunos para participação nas actividades escolares tornam este requisito ainda mais relevante, uma vez que dificultam a sua movimentação no exterior, na época fria, sobretudo.

A preocupação ambiental é, igualmente, algo a ter conta. Esta deverá abranger não só cuidados ao nível do consumo energético dos edifícios, mas também relativamente ao desenvolvimento sustentável do conjunto com atenção especial aos valores paisagísticos internos do campus e da sua envolvente.

Uma interpretação_”reprogramar”

Louis I. Kahn, utiliza a expressão reprogramar, para se referir à tarefa do arquitecto de transformar o programa dado pelo cliente em espaços, segundo a compreensão da essência das coisas. “O programa é algo circunstancial (...)” e por isso temos que identificar, em primeiro lugar, “(...) o que faz “escola” ser diferentes de qualquer outra coisa(...)”. “Examine essa natureza, e aí, sim, você verá no programa aquilo que você quer... uma biblioteca, por exemplo. A primeira coisa a fazer é reescrever o programa. E ele deve ser acompanhado de algo que o interprete”. O programa, considera, por princípio, igual a muitos outros e é para traduzi-lo que o arquitecto é chamado, para o desenho de espaços inspirados que decorram do entendimento da “(...) essência do ambiente que inspira a actividade daquela instituição do homem.”¹⁴ Mais do que tentar discernir acerca de forma e função espaciais, o programa (compreendido entre espaços, quantidades, áreas, requisitos funcionais) deve sofrer as alterações que resultam da capacidade do arquitecto de captar o carácter do cliente ou da instituição que serve e representa. Julgo relevante, no âmbito do projecto que aqui se desenvolve e tendo em consideração

14. Louis I. Kahn, *Louis I. Kahn: Conversa com estudantes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, p. 30,31, 34, 45.

a condição particular de qualquer obra de arquitectura, a necessidade de reflectir sobre estes valores adicionais que tendem a influenciar, directa ou indirectamente, a reformulação e reorganização do programa.

“Tudo começa com o espaço. Produzir espaço é a motivação principal, a responsabilidade principal, o problema principal. O espaço origina a forma, o espaço origina a planta. A planta não é o gerador, é um diagrama para uma ideia espacial; e enquanto é um facto que a maioria dos programas contemporâneos limita as possibilidades volumétricas da arquitectura (...), tal não pode justificar a falta de consideração conferida ao espaço como gerador da ideia.”¹⁵ David Chipperfield

Antes de mais o arquitecto intenta, através de uma ideia de arquitectura, traduzir o programa fornecido em formas espaciais habitáveis. O arquitecto analisa o programa e desenvolve, depois de conhecidos os dados do problema, uma ideia de organização programática própria; uma estrutura (embora ainda abstracta), cruzando os requisitos intrínsecos ao programa com as outras circunstâncias do problema que identificou: carácter do edifício, hábitos dos seus utilizadores, valores culturais da comunidade ou indivíduo, capacidade económica, necessidades de relação com o exterior, assim como outros valores decorrentes da sua experiência pessoal. Muitas vezes, nesta fase de trabalho, produzem-se diagramas e esquemas variados, mais ou menos abstractos, que tentam organizar, combinar e sintetizar a informação recolhida. Constituem ferramentas de análise que auxiliam na clarificação e construção mental da ideia. Os juízos desta forma criados permitem ao arquitecto ajustar os requisitos programáticos para além do estritamente estabelecido.

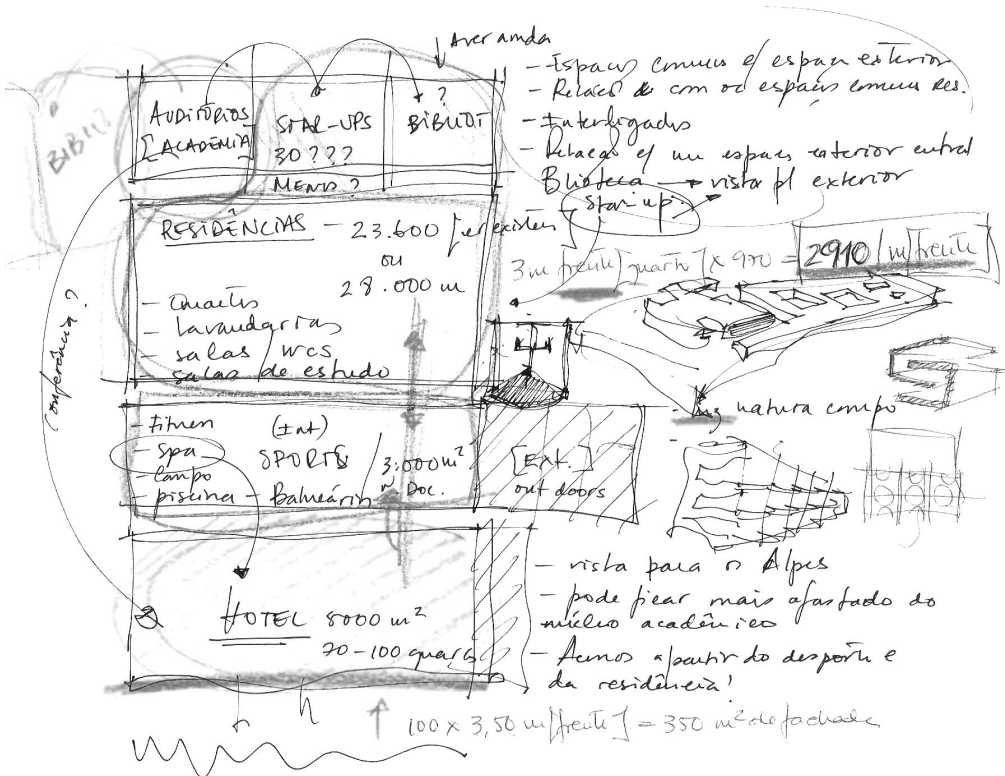
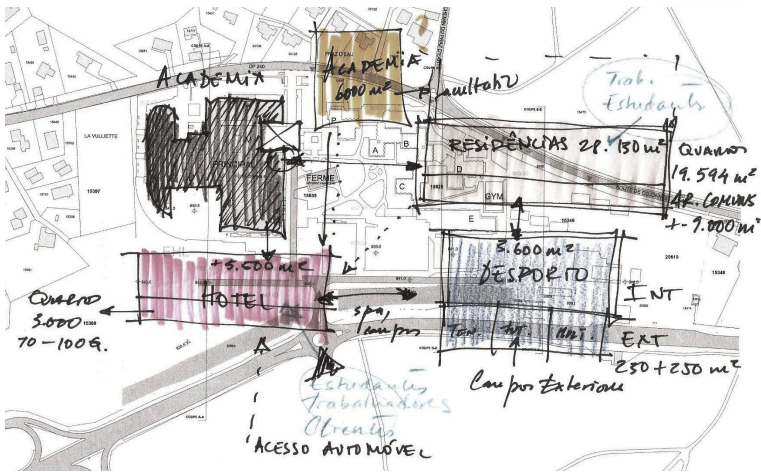
“Ao mesmo tempo que podemos admitir que cada projecto é inspirado pela experiência e evolução das ideias, a diversidade dos programas e das condições coloca-nos de volta na linha de partida com cada projecto.”¹⁶

Não há um método ou uma receita a aplicar a todos os projectos. Cada projecto estimula a reformulação dos métodos de análise e interpretação, adaptados a sempre às novas circunstâncias. Cada projecto inclina-nos a evidenciar e valorizar diferentes aspectos ou a introduzir outros que, pelos dados do seu contexto e pelas motivações que lhe deram origem, nos pareçam relevantes.

Num projecto com a complexidade do que se apresenta tornou-se crucial compreender a natureza do seu programa associado aos hábitos

15. “Everything starts with space. To make space is the first motivation, the first responsibility, the first problem. Space gives form, space gives plan. The plan is not a generator, it is a diagram for a spatial idea, and while it is a fact that most contemporary programmes limit the volumetric possibilities of architecture (commercial pressure limits deviation from the minimum), this cannot justify the lack of consideration given to space as a generator of idea.” (Tradução livre), David Chipperfield, *Theoretical Practice*, London, Artemis, 1994, p.50.

16. “While we can say that each project is inspired by the experience and evolution of ideas, the diversity of programs and conditions put us back at the starting line with each project.” (Tradução livre), David Chipperfield, op.cit, pag 32.



e quotidiano de uma instituição, aos seus valores e necessidades. De facto, uma parte considerável das decisões relativas ao programa e sua organização foi remetida ao entendimento de cada um, ainda que respeitando, inevitavelmente, determinados pré-requisitos. Tal possibilitou uma certa flexibilização na gestão do programa. Refiro-me, por exemplo, à extensão da academia e à criação de espaços *start-up*, à dimensão e quantidade dos campos desportivos exteriores, ou, igualmente, ao intervalo de margem no número de quartos de hotel pedido, entre outros pontos. Ainda, não existia uma predeterminação relativa à fusão ou separação dos vários programas, mas apenas uma sugestão no que diz respeito à sua posição no terreno de implantação.

Depois de uma abordagem inicial ao programa, assim como à informação relativa ao local de implantação e, já, do esboço de algumas ideias, a equipa visitou o terreno. A importância desta visita relacionou-se não só com o reconhecimento do terreno e das suas propriedades físicas, mas também com o entendimento do funcionamento da escola. A título pessoal ter-me-ão sido sensível as seguintes questões:

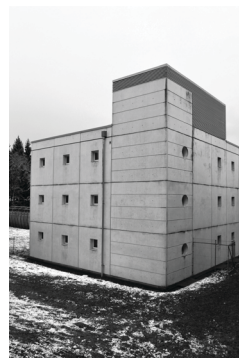
- as ligações internas entre os vários programas – contrapondo a forma labiríntica como os percursos actuais entre escola e residências estão desenhados -;
- a importância dos espaços comuns associados frequentemente aos espaços individuais – quartos -, assim como um maior contacto das áreas comuns com espaços exteriores, sob forma de varandas, pátios, etc;
- a necessidade da reformulação, realocação e ampliação de espaços não contemplados no programa lançado, como a biblioteca, incluindo os espaços de estudo e trabalho que lhe estão associados; estes espaços podem associar-se, de alguma forma, aos outros espaços comuns da residência de forma a poderem ser utilizados durante os tempos livres; da mesma forma as *start-up*, como incubadoras de projectos pessoais dos alunos, poderão estar relacionadas com aqueles espaços e, assim, disponíveis *after-hours*;
- os espaços da academia, compreendidos entre auditórios e salas para palestras (para além da biblioteca que se decidiu acrescentar), requerem uma ligação privilegiada e directa com o hotel, dada a recepção de profissionais para palestras ou conferências;
- o aproveitamento das vistas para a paisagem envolvente como factor qualificador dos espaços;
- inter-relação entre hotel, dependências desportivas, e residência, de forma a permitir quer o acesso por parte de alunos e clientes às zonas desportivas, quer dos alunos ao hotel, onde irão desempenhar determinadas actividades



7. Construção existente: Percursos interiores residência-academia.



8. Espaços comuns dos actuais edifícios de residência.



9. Interação e espaços exteriores criados pelos actuais edifícios.

académicas;

- a importância do aproveitamento da luz natural, que deverá chegar ao maior número de espaços possível;

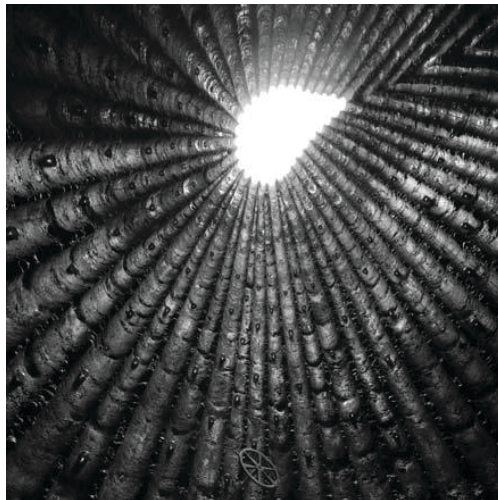
“Para os futuros estudantes EHL, a vida neste campus será uma experiência que eles nunca irão esquecer: (...) deverá inspirar cada um deles com o sentimento de pertencer a uma comunidade muito unida. Deverá facilitar o contacto entre as pessoas, estabelecendo as fundações para relações futuras.”¹⁷

A quantidade de tempo despendida para as actividades académicas afecta quer a importância do espaço individual, quer a existência de espaços de interacção e convívio social de qualidade. A internacionalização da escola significa que muitos estudantes estrangeiros encontram na instituição uma casa e uma família, embora temporárias. A arquitectura poderá, neste contexto, desempenhar um papel fundamental no equilíbrio entre vida académica e gestão dos tempos livres: concebendo, por um lado, espaços que promovem a socialização e o desenvolvimento de projectos pessoais e, por outro, criando as condições necessárias para o desenvolvimento do “eu”, com ênfase na qualidade do seu mundo privado.

A relação entre os diferentes tipos de utilizadores – clientes, alunos e professores, por exemplo - e a forma de acederem a cada serviço são, também, parâmetros que implicam cuidados consideráveis ao nível da relação entre os diversos programas e entre os mesmos e o exterior, determinada pela sua posição no terreno. No caso do hotel, por exemplo, o contacto permanente com clientes exteriores insinuava já uma posição próxima do acesso viário principal e de uma entrada que fosse independente do resto do conjunto.

Assumi, desde logo, a decisão de não incluir na proposta o conjunto edificado actual, cuja demolição nos foi dada como opção. Para além das condições do mesmo não se adequarem aos novos desafios, os espaços interiores apresentam um desenho labiríntico e não são de algum modo “comunicativos”, quer com o exterior quer entre si, expressando uma atitude de agregação e individualização em detrimento da sua relação. Tal não se traduz num aproveitamento adequado das qualidades do ambiente envolvente e muito menos parece adequar-se àquele espírito comunitário que se quer manter e cultivar no novo campus. Da mesma forma, a dispersão dos seus elementos pelo terreno deixa pouca margem para a implantação das áreas que o programa exige, apelando estas para um maior controlo na organização das peças.

17. *Workshop Program Document*, p. 3.



ARQUITECTURA NA (E DA) SUÍÇA



10. Mapa da Suíça: Topografia; 2. Mapa da Suíça: Regiões



11. Rochas proeminentes de Rochers-de-Naye. A 2.045m de altitude dos pontos de observação mais notáveis da região a norte do Lago Léman, com vista marcante para o lago e Alpes.

Contando, segundo dados de 2005, com uma população de aproximadamente 7.489.370 habitantes, e uma área total de 41 285 km², a Suíça é um país profundamente cosmopolita, não só como destino de imigrantes provenientes de vários países europeus e outros, mas também como resultado da variedade linguística – quatro línguas oficiais que são o alemão, o italiano, o francês e o romanche - e das influências simultâneas dos diferentes países fronteiriços entre os quais a Alemanha, a Itália e a França, três das culturas e territórios mais relevantes no panorama Europeu. Uma intersecção que se traduz na confluência de culturas heterogêneas e que terá despertado o país para necessidade de autodefinir-se e de desenvolver e afirmar uma identidade cultural própria, um carácter nacional baseado no capitalismo democrático, tolerância, enriquecimento através da diferença, e neutralidade.¹

De facto, a sua reduzida dimensão, a separação do território segundo 26 estados (10), denominados cantões, e até a proximidade de economias predominantes, como as dos países contíguos, não foram entraves para o seu desenvolvimento e bem-estar económico, assim como para a criação de uma identidade distintiva sobretudo no que se refere à manipulação e filtragem das referências internacionais em confronto com a própria tradição. O que José Manuel Pedreirinho classifica de periferia central:

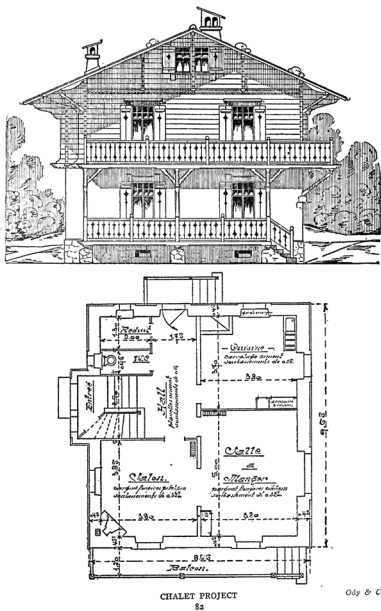
“Se há um país que, pela sua localização, não podemos considerar como periférico, é seguramente a suíça. No entanto, esta é uma sociedade, e uma cultura que sempre se manteve num cuidadoso equilíbrio entre as influências vindas do exterior, e a manutenção de uma identidade própria, uma espécie de periferia central.”²

Sem frente costeira, é um país caracterizado por uma topografia dividida entre a floresta Jura, o planalto suíço e os Alpes – ocupam dois terços do território do país -, e profundamente marcada pela densa presença de canais de água. O clima, de acordo com as suas condições geográficas, varia entre um clima mais mediterrâneo, no cantão de Ticino, um clima caracterizado por verões amenos e invernos austeros, sobretudo junto às regiões montanhosas, de certa altitude e/ou mais a norte, e um inverno permanente nas zonas mais altas das montanhas Alpinas, o que se percebe pelo *skyline* que definem marcado por um contínuo manto de neve, que tanto caracterizam a paisagem suíça. (11)

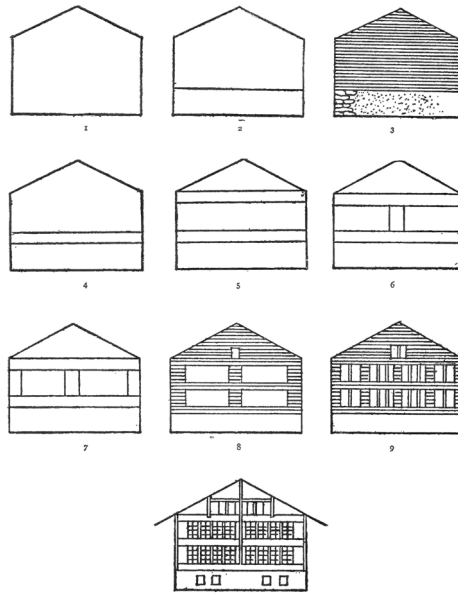
É de referir, no contexto apresentado, um interesse comum relativamente aos valores da paisagem e do património natural, como consequência de condições geográficas e climatéricas particulares e de valor que incentivam a prática de desportos ao ar livre, relacionados com as montanhas, com a floresta e com a neve, assim como, por exemplo, a visão romântica dos chalés

1 Irina, Davidovici, *Forms of practice: German-Swiss Architecture 1980-2000*, Zurich, gta Verlag, 2012, p.22.

2 José Manuel Pedreirinho, “Periferias Centrais”, in *a.mag 02: Wespi de Meuron Romeo Architects*, AMAG Editorial SL, 2012.



12. Alçado e planta de um projecto para um chalé na Suíça



13. Série evolutiva da fachada dos chalés suíços mais comuns



14. Habitação junto ao Lago de Lucerne, Suíça. Ilustração.

e refúgios de montanha. É igualmente neste contexto que se desenvolve a arquitectura popular suíça como, de certa forma, a arquitectura moderna e contemporânea, a qual assume, como característica essencial, um jogo equilibrado entre o vínculo forte à arquitectura vernacular, e às suas formas mais tradicionais que tendeu a desenvolver, e a aceitação de referências internacionais, a sua readaptação e filtragem:

“É talvez único no mundo desenvolvido pelo seu desenvolvimento contínuo de uma tradição. E essa tradição tornou-se a seu próprio género de modernismo. Não obstante, o populismo romântico da arquitectura de chalé e das casas de montanha.”³ Steven Apier

Do chalet suíço, ao Heimatstil e modernismo do Pós-Guerra

O *chalet* suíço mais tradicional tem a sua origem nas habitações de campo, ou em zonas periféricas às cidades. Casas rurais que se encontravam, geralmente, nas proximidades das zonas de montanha, sobretudo nas regiões Alpinas.⁴ Na sua versão mais primitiva serviria não só para residência da família, como também dos animais mais úteis e sua alimentação. Era caracterizado, na sua forma mais comum, por uma planta quadrangular ou rectangular, e composto por um total de dois pisos e meio. O piso em contacto com o chão era, por regra, dedicado à parte mais utilitária da casa enquanto que, o piso mais elevado, sob a inclinação das grandes águas que compõem a cobertura, se destinava aos espaços de reflexão e retiro. O piso intermédio, por sua vez, serviria para as actividades ordinárias do dia-a-dia. (12, 13)

“Os primeiros chalés eram verdadeiras fortalezas em madeira, as suas paredes eram compostas por barricadas de troncos de árvore em camadas, umas sobre as outras, e nos cantos entalhadas juntas firmemente”⁵

Eram originalmente construções em madeira que resultavam da cooperação entre vizinhos, os quais durante as épocas invernosas – de menos produção – auxiliavam na construção da habitação.⁶ Sendo a origem da sua versão mais “moderna” remetida para o séc. XV, por William Dana no seu livro *Swiss Chalet Book*⁷, o *chalet* suíço terá passado por vários processos de evolução, que o autor identifica como três períodos de desenvolvimento diferentes. Um

3 “It is perhaps unique in the developed world for its continuous development of a tradition. And that tradition has become its own breed of modernism. The romantic populism of chalet architecture and mountain villages notwithstanding.” (Tradução livre) Steven Apier, *Swiss Made: New Architecture from Switzerland*, UK, Thames & Hudson, 2003, p.7.

4 “It is not in these “citadels”, however, that we must look for the presence of the chalet, or its prototype. The chalet is rather the product of the outlying districts, the home of the agricultural and castle-raising classes.” (Tradução livre), William S. B. Dana, *The Swiss Chalet Book*, New York, The W.T. Comstock Co., 1913, p.13;

5 “The early chalets were veritable fortress in wood, their walls consisting of barricades of tree trunks in tiers, one trunk on the top of the other, and notched firmly together at the corners, after the fashion of the log-cabins so familiar in America.” (Tradução livre), idem, p.14;

6 “The early chalets were veritable fortress in wood, their walls consisting of barricades of tree trunks in tiers, on the top of the other, and notched firmly together at the corners” (Tradução livre), ibidem.

7 Publicado inicialmente em 1913, constitui um guia para o desenho e construção dos tradicionais chalés, esclarecendo sobre a sua evolução e sobre os elementos, materiais e técnicas necessários para a sua construção.



15. "La ferme", EHL Campus, Lausanne, Suíça.



16. Casa Fallet, La chaux-de-Fonds, Suíça, 1906-1907. E.Jeanneret com René Chapallaz.

primeiro mais simples, um segundo caracterizado pela variedade e riqueza do ornamento, e a terceiro responsável pelos exemplos mais notáveis do estilo. O autor compara a sua aparência, cuidadosamente composto e enfeitado, à aparência de um humano com feições femininas:

“Além disso, é simétrico e na sua alternância entre vazios e espaços de parede, alegremente enfeitados com ramalhetes, as suas faixas e tiras de rendilhado de madeira ou bordado, as suas pérgulas salientes, o elemento de humanidade feminina é marcado fortemente. Permanecendo junto à montanha, na posição vertical, a sua face sombreada pela aba branca da sua empena tipo chapéu, os seus olhos a espreitar através dos amplos vales, o chalé tem um aspecto surpreendentemente e misteriosamente humano.”⁸

(14)

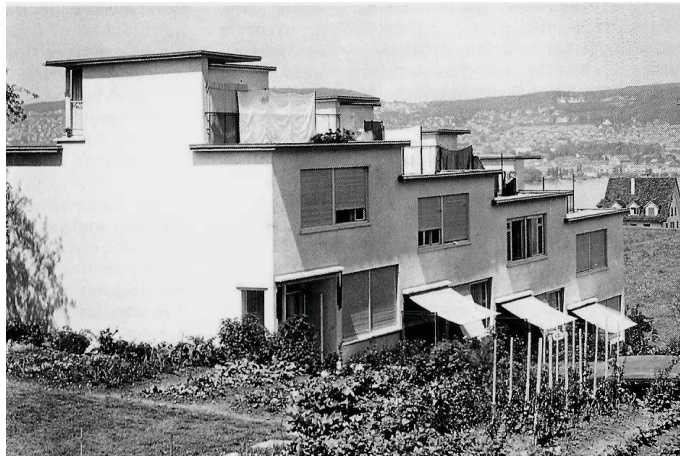
Curiosamente, Viollet-le-Duc - arquitecto revivalista do séc. XIX - em *L'Histoire de l'habitation Humaine*, de 1875, terá identificado o desenvolvimento da mesma tipologia, através da aplicação simplificada dos seus elementos e princípios, noutros locais do mundo, sem relação, afirmando que “(...) ficarão surpresos se vos disser que os chalés das montanhas suíças são exactamente os mesmo que podemos ver nas encostas dos Himalaias e nos vales de Caxemira.” Entusiasta da paisagem Alpina, que estudou e pintou, constrói uma casa própria em Lausanne, *La Vedette*, 1874-1876, segundo um revivalismo do estilo do *Chalet Suisse*. (16)

Com a industrialização da construção, embora se manifestasse um renovado interesse pelo estilo e pelos mesmos motivos construtivos - espécie de contramovimento nacionalista contra as novas formas modernistas funcionalistas -, novos materiais e novas técnicas vieram aligeirar a construção, as paredes perdem massa, o primeiro piso, em contacto com a terra, é, por vezes, substituído por alvenaria de tijolo, e os alpendres e varandas suportados por pilares e guardas metálicos.

Durante os anos 20 e 30 e mesmo no período decorrente da II Guerra Mundial, embora alguns arquitectos se inclinassem já para uma prática mais próxima da Escandinávia, ou do modernismo inspirado por Le Corbusier - ABC group, Basel, 1924 -, a maioria era ainda muito influenciada pelo *Heimatstil* (Estilo “típico Suíço”)⁹ - na Exposição Nacional de Genebra em 1896 enalteceu-se a típica construção rural suíça e com isso reavivou-se o interesse pela beleza do *chalet* suíço, com os Alpes como paisagem de fundo,

8 “Moreover, it is symmetrical and in its alternation of voids and wall spaces, gaily decked with nosegays, its bands and strips of wooden lacework or embroidery, its overhanging bowers, the element of feminine humanity is strongly marked. Standing on the mountainside, upright, its face shaded by the wide brim of its hat-like gable, its eyes peering across the wide valleys, the chalet has a look surprisingly and mysteriously human.” (Tradução livre), idem, p.15.

9 Espécie de propaganda nacionalista reaccionária, através da reprodução de práticas típicas regionais, como promoção dos dialectos, do vestuário, da música folk e consequentemente da proliferação do estilo arquitectónico típico suíço.



17. Siedlung Neubühl, Zurique, 1930-1931. M.E. Haefeli, C. Hubacher & R. Steiger, W.M. Moser & E. Roth, P. Artaria & H. Schmidt.



18. Hospital cantonal, Zurique, Suíça, 1942-1953. M. E. Haefeli, W.M. Moser, R. Steiger.

reforçando o seu romantismo.¹⁰ A prática arquitectónica oscilava assim entre a modernidade e a tradição.¹¹

“No nosso bairro, cedo uma infinidade de edifícios “modernos” despojou o chamado Heimatstil. Havia alguns exemplos bastante banais entre eles: casas com linhas regulares de janelas num gesso liso e de cor abricote; telhados de quatro águas com telhas maciça, com varandas com parapeitos de ferro corrugado vivamente pintados, casas com jardins frontais separados do pavimento por cercas de tábuas de madeira cruzada da altura do joelho, casas com portas de entrada em estruturas de vidro, tubos de bronze em forma de S e maçanetas em plástico negro ou metal concavo; degraus graníticos irregularmente quebrados, bootscrapers colocados em nichos, delicadas escadarias em pedra artificial verde que se erguem a partir dos pequenos átrios de entrada, apartamentos nos pisos superiores com janelas floridas projectadas com molduras em betão pintado a branco – qualquer um que seja mais ou menos familiarizado com a história da arquitectura será capaz de adivinhar o ano da construção de aproximadamente todos os edifícios.” “Contudo, todas estas casas desinteressantes eram vistas como “modernas” (ou, popularmente chamado neu-modisch), pois são comparativamente leves, fáceis de limpar e bem equipadas.”¹² Claude Lichtenstein

Em 1954, Hans Hofmann (arquitecto e antigo director da Exposição Internacional), a favor da protecção do património arquitectónico suíço reage contra o *Heimatstil*, afirmando que “(...)uma preservação vigorosa do património não só relembra os bons velhos tempos, como também acredita nos bons novos tempos(...)”, classificando-o como “(...) falso *folkloristic hocus-pocus*.”¹³

10 “Switzerland braced itself against the pull of nationalist propaganda in the neighbouring countries with an introverted retreat into its own past. Alpine landscapes and frugal peasant life, rugged rock scenery and military preparedness made up the image the Swiss fostered of themselves in those days. Regional dress and folk music and the promotion of rural dialects thrived, while in architecture a sentimental Heimatstil (...) proliferated. (...) This kind of preservation of heritage was immensely popular then (and later on). Its reactionary tendencies were supported less by architects than by conservative ideologists”, (tradução livre), Daniel Kurz, “Heimatschutz between Modernity and Tradition”, in *Post-war modernity in Switerland=nachkriegsmoderne Schweiz : architecture by Wernwer Frey, Franz Füeg, Jacques Schader, Jakob Zweifel*, Basel, Birkhäuser, 2001 p.67.

11 “During the 1940s, timber and quarry stone masonry, sash-bar windows and gabled roofs were predominant, and large buildings were equipped with grid façades with windows and parapets.” (Tradução livre), Michael Hanak, “Functionalism as reflected in the magazine *Bauen+Wohnen*”, idem, p.33.

12 “In our neighbourhoods, a plethora of “modern” apartment buildings soon ousted the so-called “Heimatsil”. There were some very banal examples among them: houses with regular rows of windows in smooth, apricot-coloured plaster; hipped roofs with massive tiles, balconies with brightly painted corrugated iron parapets, houses with front gardens separated from the pavement by knee-high crossed timber picket fences; houses with structures glass front doors, S-shaped brass pipes and black plastic or concave metal door handles, irregularly broken granite door steps, bootscrapers set in niches, delicate green artificial stone staircases leading up from small lobbies, apartments on the upper floors with projecting flower windows with white painted concrete frames – anyone who is more or less familiar with architectural history will be able to guess the construction year of nearly all the buildings.” “However, all these unexciting houses were regarded as “modern” (or, popularly called “neu-modisch”), for they are comparatively light, easy to clean and well equipped.” (Tradução livre), Claude Lichtenstein, “A Zurich childhood among new architecture”, in *Post-war modernity in Switerland=nachkriegsmoderne Schweiz : architecture by Wernwer Frey, Franz Füeg, Jacques Schader, Jakob Zweifel / Max Adolf Vogt...[et al.]*, Basel, Birkhäuser, 2001, pag25.

13 Refere que era um estilo que servia o turismo como “a mockery of ones home country and of a Heimatschutz that sticks up for authenticity and truth.”, acreditando na beleza dos elementos técnicos modernos, e na verdade da arquitectura. Daniel Kurz, op. cit, p.69.



19. Capela Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp, França, 1950-1955.
Le Corbusier



20. "Casa Bianchi", Riva San Vitale, Suíça, 1971-1973. **Mario Botta.**

Com o cessar da Guerra, em 1945, na década de 50 a economia Suíça recupera. Depois de uma pausa forçada na construção, com a crise económica seguida da guerra, na década de 50 iniciou-se um período de grande actividade construtiva, à medida do *boom* económico que tem seu auge em 1964 e que só veio a acalmar com a crise do petróleo em 1973. A produção arquitectónica alterou-se de forma significativa. A Suíça, ao contrário de outras cidades europeias, não foi vastamente destruída, o que terá evitado a necessidade de uma construção massiva; condição que fez com que passasse ao lado da euforia construtiva baseada em projectos modernistas, sem, no entanto, rejeitar os seus princípios. Por um lado não teve a oportunidade de produzir a mesma quantidade de edifícios de referência, mas, por outro, evitou muitos erros cometidos, tendo em conta a necessidade urgente dos projectos e o pouco tempo de reflexão. Não obstante, os jovens arquitectos suíços de então começaram também a interessar-se pelos métodos construtivos modernos, com preferência para o betão armado, à vista, e estruturas metálicas, privilegiando a forma baseada na honestidade e na simplicidade e uniformidade geométrica; uma severidade formal que ao mesmo tempo reflectisse a sua função-, segundo referências da primeira geração modernista, como Le Corbusier, Ludwig Mies van der Rohe and Walter Gropius, e dos princípios da *Neues Bauen*. Nas décadas que se seguiram (50s, 60s, inícios de 70s), o “grupo Zurique” estabeleceu mesmo algumas bases que regeram a arquitectura de então: construção meticulosa, princípios de design estrutural baseados na produção industrial, plantas de rés-do-chão com preocupações sociais.¹⁴ Integraram, desde então, uma atitude claramente modernista, embora moderada e evitando a provocação. Nos anos do pós-guerra, embora recorressem sobretudo a referências estrangeiras (América, Escandinávia, Alemanha e mesmo Japão), a suíça era já considerada uma influência internacional. No início da década de 50s as obras mais recentes de Corbusier como a *Unité d’habitation em Marselha* (1953), e a capela de Ronchamp (19), colocavam-no no papel do maior divulgador e impulsionador da arquitectura suíça no mundo.

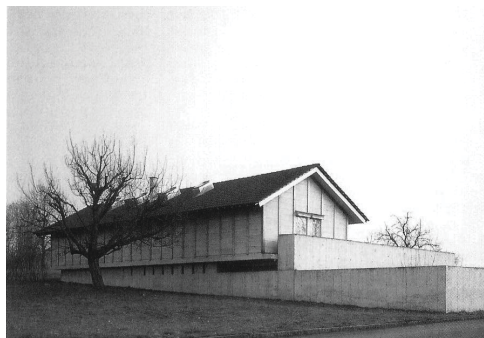
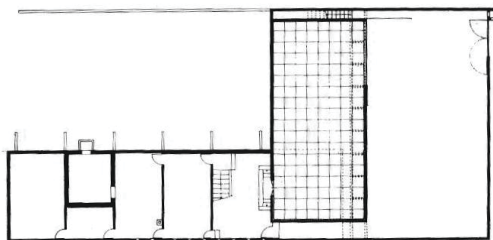
Arquitectura contemporânea

Actualmente, a Suíça usufrui de uma estabilidade económica que tem permitido não só construir, como também a consolidação de uma prática arquitectónica de qualidade ou, se assim quisermos entender, mundialmente reconhecida como tal. De facto, o entusiasmo face à arquitectura de origem suíça, revela-se muito para além da dinâmica construtiva no país, através da sua “exportação”. Embora muitos dos arquitectos continuem a exercer e a sediar os seus gabinetes em território suíço, são constantemente

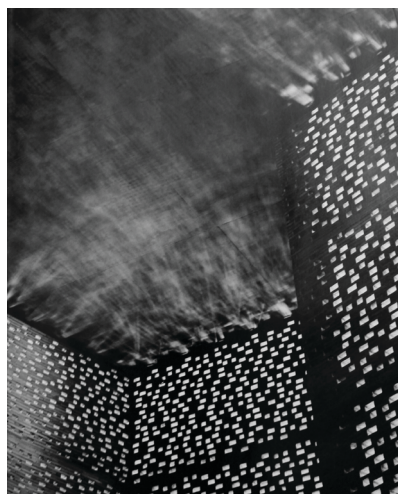
¹⁴ Walter Zschokke and Michael Hanak, “A trend of Post-War modernity seen from today’s point of view”, op.cit, p.7.



21. A casa azul, Oberwil BL, Suíça, 1979-1980. **Herzog & de Meuron.**



22. A casa V., Therwil BL, Suíça, 1985-1986. **Herzog & de Meuron.**



23. Museu Kolumba, Cologne, Alemanha, 2007. **Peter Zumthor.**
Esquerda: imagem interior; direita: imagem exterior.

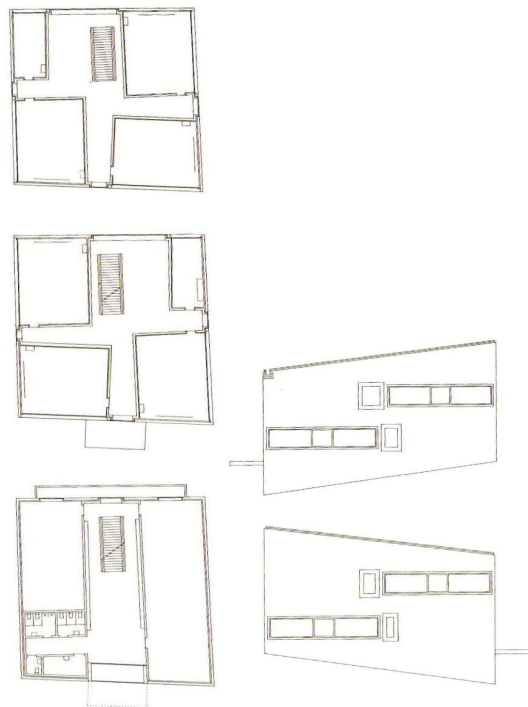
requisitados para participar em projectos de todo o mundo. País de origem de Le Corbusier, Hannes Meyer, Hans Schmidt (17), ou do engenheiro Robert Maillart, têm vindo a continuar um historial de grande reconhecimento com arquitectos premiados com o Pritzker, como os Herzog & de Meuron (2001) ou Peter Zumthor (2009).

A verdadeira marca da cultura arquitectónica suíça talvez se reúna no facto de, tal como também descreve José Pedreirinho, ter-se mantido numa posição entre conservadorismo e modernidade, não esquecendo por um lado os modelos existentes e por outro mantendo-se aberta à actualização e revisão desses mesmos modelos. Por um lado um interesse na especificidade nacional e na diversidade regional das soluções, por outro, um constante “pôr em causa” de noções e princípios pré-estabelecidos. (20, 21)

*“Nenhum rótulo em particular pode fazer justiça à heterogeneidade de abordagens e atitudes entre esta produção; e ainda assim, elas atingem também uma espécie de identidade à priori. Parece existir um consenso tácito acerca do que a “arquitectura Suíça” contemporânea compreende, como um termo com validade internacional.”*¹⁵ ETH, Irina Davidovici

A variedade cultural que caracteriza um país como a Suíça, revela-se também na sua produção arquitectónica, tanto no que diz respeito às diferentes regiões e traços próprios como nos que diz respeito às diferentes escolas, com origens diversas e influências arquitectónicas variadas. Podemos considerar igualmente que a qualidade da arquitectura que os arquitectos suíços têm vindo a apresentar tem que ver com a criação de uma cultura arquitectónica, baseada naturalmente num ensino de grande qualidade e prestígio, transversal às principais escolas. Destacam-se a ETH (1855), em Zurique, a EPFL (1853), em Lausanne, e mais recentemente a Academia de Mendrisio, fundada por Mario Botta (20), em 1996. Três escolas que, dada a sua localização – cantões alemão, francês e italiano respectivamente -, linguagem e referências distintas marcam a pluralidade e a heterogeneidade das abordagens arquitectónicas. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, a importância desde sempre dada à boa execução e ao detalhe, o profundo conhecimento dos materiais e o saber fazer, a combinação entre tecnologia e os princípios e modelos vernaculares, entre outros aspectos em comum, conferem-lhes uma certa identidade no panorama internacional. A proximidade entre engenharia e arquitectura, e até outras artes, tem contribuído para o domínio da disciplina com base em princípios de solidez, entre conhecimento dos valores tradicionais e o arrojo e inovação. E porque tem existido condições para a construção, o discurso teórico tem surgido

¹⁵ “No particular label can do justice to the heterogeneity of approaches and attitudes within this production; and yet, they also achieve some kind of a priori identity. There seems to be a tacit consensus of what contemporary “Swiss architecture” comprises, as a term with international validity.” (Tradução livre), Irina, Davidovici, op.cit., p.7.



24. Escola, Paspels, Graubünden, Suíça, 1996-1999.
Valerio Olgiati.

sempre aliado à prática, ao domínio técnico dos materiais e das formas. A atenção é neste sentido canalizada para o objecto final, para a realização e construção da coisa, qualidade para a qual uma boa ideia pode apenas contribuir, “Pode mesmo ser dito que não é a qualidade da ideia mas a qualidade da coisa em si que é importante”.¹⁶ Em *Forms of Practice : German-Swiss Architecture 1980-2000*, Irina Davidovici, refere um fascínio pela presença física da coisa e pelo seu efeito, na sua dimensão contemplativa, em que o foco na coisa material tem em vista evitar leituras subjectivas segunda a criação de objectos auto-evidentes.¹⁷

*“Minimalismo, neomodernismo, a nova simplicidade, the neue Sachlichkeit, a caixa. Estes são todos termos utilizados para descrever a arquitectura contemporânea suíça. Todos eles, sem dúvidas, detêm alguma verdade em si. Até um observador casual consegue discernir uma redução formal e uma preferência pelo ortogonal, um elevado padrão de construção, detalhamento preciso. Pode-se até admitir, pelo menos, alguma ligação à arte minimal.”*¹⁸ Steven Spier

É facilmente identificada, numa leitura transversal das diferentes abordagens arquitectónicas, uma tentativa de “economia conceptual”, que se expressa através de uma certa essencialidade na forma e nos materiais eleitos; utilização mínima de meios, volumes claros e rigor geométrico, na exaltação de uma ideia de carácter forte e unitário. Procura-se levar ao extremo a noção de conceito, capaz de sintetizar em poucas palavras uma ideia, uma intenção, e a partir do mesmo resolver e tomar todas as opções decorrentes no processo de projectar. O conceito, quando evocado nas diferentes fases, confere uma identidade clara ao edifício, à intervenção; uma espécie de força que garante ao todo a sua unidade e a relação das partes. A realização máxima do conceito concretiza-se, por fim, na precisão do desenho do detalhe e na qualidade da execução final da obra.

*“Esta produção reivindica uma integridade que se estende para além da funcionalidade, da coerência construtiva e qualidade estética. Alude a uma espécie de inteligibilidade universal.”*¹⁹

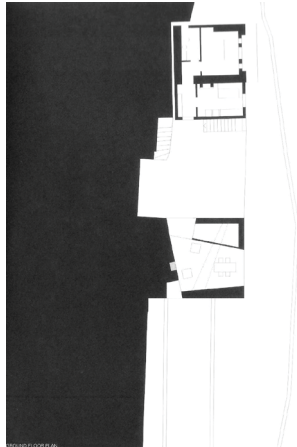
No entanto, a simplicidade aparente das formas, entre valor objectual e preocupações acerca do contexto, da materialidade ou da função, tem por vezes implícita uma dimensão comunicativa que transcende estes aspectos, apelando a zonas mais profundas do entendimento, que se relacionam com a

¹⁶ “It can even be said that it is not the quality of the idea but the quality of the thing itself that is importante.” (Tradução livre), Steven Spier, “Innovation and the Patient Search”, in *Swiss Made*, p. 8.

¹⁷ Irina Davidovici, op.cit., p.9.

¹⁸ “Minimalism, neo-modernism, the new simplicity, the *neue Sachlichkeit*, the box. These are all terms used to describe contemporary Swiss architecture. They undoubtedly all have some truth in them. Even a casual observer can discern a reduction in form and a preference for the orthogonal, a very high standard of construction, precise detailing. One can even admit some connection to minimal art.” (Tradução livre), Steven Spier, “Innovation and the Patient Search”, in *Swiss Made: New Architecture from Switzerland*, UK, Thames & Hudson, 2003, p.7.

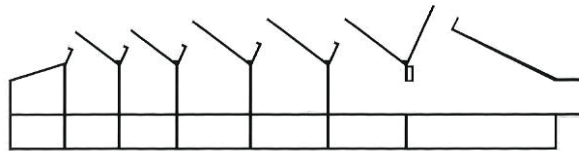
¹⁹ “This production claims an integrity that extends beyond functionality, constructional coherence and aesthetic quality. It alludes to a kind of universal intelligibility”, Irina Davidovici, op.cit., p.9



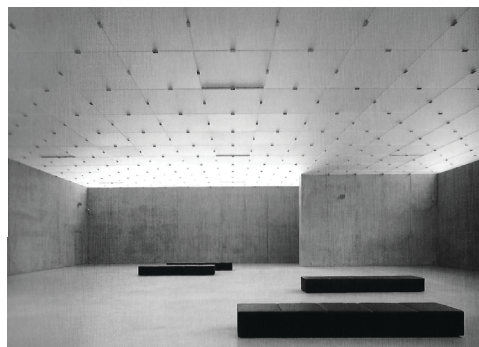
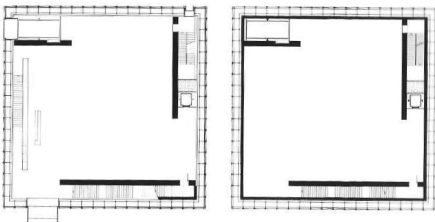
25. Reabilitação de casa, Mergoscia, Ticino, Suíça. Fotografia e planta. **Wespi de Meuron.**



26. Casa Meuli, Fläsch, Graubünden, Suíça. Corte e fotografia. **Bearth + Deplazes.**



27. Museu Liner, Appenzell, Suíça. Fotografia e corte. **Gigon & Guyer.**



28. Kunsthaus, Bregenz, Áustria. Plantas e fotografia. **Peter Zumthor.**

percepção, o domínio e o entendimento do todo.²⁰(24)

Segundo a análise de diferentes autores, podemos identificar alguns pontos que, nas últimas duas décadas, a produção arquitectónica suíça tem tocado de uma forma geral, considerando, no entanto e simultaneamente, a variedade das suas abordagens:

- Atenção especial relativamente ao contexto, que inclui considerações ao nível topográfico, do lugar, e da construção ordinária, por via da aproximação a essas formas, materialidade, ou de outra atitude que confira ao lugar a identidade adequada. Uma arquitectura que joga entre a integração e o destaque²¹ (25);
- Construção intelectual, que parte da libertação relativamente a um estilo particular ou ideologia, ou outras preconcepções;
- Procura de uma coerência conceptual, uma espécie de “tema genérico”, o qual tende a orientar o processo projectual;
- Interesse em testar os materiais convencionais, nos seus limites, através de uma investigação experimental, que pretende ensaiar novos efeitos e atmosferas. Tratamento sensorial dos materiais que “(...) ilustra a ampla tendência de combinar a simplicidade da forma com a intensificação visual da sua superfície.”²² (23);
- Preferência pela simplicidade formal, pelos interiores abstractos, gestão do uso dos materiais para redução da arquitectura à sua essência, e predilecção pela ortogonalidade, uma vez que “(...) a suposição aqui é que o ortogonal não é arbitrário (...)”, pois o “ângulo recto” em si mesmo é entendido como neutro.²³ (28) Algumas obras passam igualmente pela ligeira distorção de formas básicas como o quadrado, por exemplo, procurando um espécie de expressão irracional (24);
- Cuidado compositivo, que pretende enfatizar a identidade individual do edifício, fenómeno perceptivo que se relaciona com a leitura do todo – “O problema é transferido para a tensão inquieta entre a resolução global do edifício e a expressão apropriada das suas partes constituintes.”²⁴;
- Importância conferida à presença e ao efeito contemplativo do objecto, no sentido da procura da intemporalidade do momento estético.²⁵

20 Irina, Davidovici, Ibidem.

21 Carmen Humbel, *Young Swiss Architects/ Junge schweizer architekten und architektinnen*, Basel, Birkhauser, 1996, sem página (introdução).

22 The focus on material illustrates a wider tendency of matching the simplicity of form with the visual intensification of its surface.” (Tradução livre) Irina Davidovici, op. cit., p.216.

23 “The assumption here is that the orthogonal is not arbitrary. The right angle is seen as neutrality itself, a cultural symbol that integrates the building into its real context. Unlike other design devices, the orthogonal lays claim to a kind of inexhaustible universality. It simultaneously represents a black canvas, radical reduction, normality, and the rigidity of academic convention.” (Tradução livre), Irina, Davidovici, op. cit., p.222.

24 “The problem is transferred to the anxious tension between the building’s overall resolution and the appropriate expression of its constituent parts.” (Tradução livre), Irina Davidovici, op. cit., p.216.

25 Irina, Davidovici, op. cit., p.224

